

# CONSTRUÇÕES COM SE E PROMOÇÃO DE ARGUMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO DIACRÔNICA

Sonia M. L. CYRINO  
Universidade Estadual de Campinas/CNPq

## RESUMO

*Este trabalho investiga diacronicamente construções relacionadas no português brasileiro: passivas sintéticas, construções com o se impessoal e com se médio. A hipótese é que a mudança em relação a essas estruturas pode estar na origem das atuais construções de promoção de argumento com certos verbos.*

## ABSTRACT

*This paper investigates some related constructions in Brazilian Portuguese, namely, synthetic passives and constructions with impersonal -se and medial -se, taking a diachronic perspective into account. Our hypothesis is that the change in these structures may be in the origin of the present argument promotion constructions in relation to certain verbs.*

## PALAVRAS-CHAVE

*construções com se, português brasileiro, sintaxe diacrônica.*

## KEY WORDS

*constructions with -se, Brazilian Portuguese, diachronic syntax.*

## 1. Introdução

Muitos trabalhos sobre o português brasileiro (PB) (PONTES, 1981; GALVES, 2001; entre outros) apontam uma das peculiaridades dessa língua, tanto em relação ao português europeu moderno<sup>1</sup>, quanto ao português clássico: a possibilidade de sentenças como (1a) a seguir:

- (1) a. A revista está xerocando.  
b. A revista está sendo xerocada.

Nesses exemplos um argumento interno do verbo ocorre na posição de sujeito. Considerando que a sentença (1a) pode ser uma substituição para (1b), a possibilidade dessas construções no PB tem sido apontada como uma característica que pode enquadrar essa língua na categoria de “língua de tópico”, já que, nestas, a passiva não é comum (LI; THOMPSON, 1976).

Em chinês, uma língua de tópico, por exemplo, uma estrutura semelhante é possível, de acordo com LaPolla (1988), na qual o agente não ocorre, não há morfologia passiva e o sujeito é inanimado (3). Essa forma de “passiva” é formada pela queda do agente/sujeito a partir de uma forma topicalizada como (2):

- (2) shu wo/ta dou kan wan le  
livros eu/ele todos ler terminar ASP  
‘Os livros, eu/ele terminei de ler todos’

- (3) shu dou kan wan le  
livros todos ler terminar ASP  
‘Os livros foram todos lidos/ (Eu/ele) terminei de ler todos os livros’

LaPolla (1988) observa que essa construção não pode ser considerada uma passiva verdadeira, mas uma sentença com um tópico objeto:

It is clear from this that there really is no passive sense to the verb in this type of construction, and that in *shu dou kan wan le*, *shu* cannot be the subject. It must then be a topic/object in a sentence without a subject. A similar analysis is given in Li; Thompson 1976: 479-450, and Li; Thompson 1981: 498-499. (LAPOLLA, 1988: 5)

Da mesma forma, Galves (2001: 5) observa que, em PB, sentenças como (1a), contrariamente a passivas como em (1b), o argumento agente está inativo. Ela aponta para o contraste em (4):

- (4) a. A revista foi xerocada para ganhar tempo.
- b. A revista xerocou para ganhar tempo.

Em (4a) o sujeito de *ganhar tempo* é controlado pelo agente implícito de *foi xerocada*, e em (4b), essa interpretação não é possível. Isso indica, segundo a autora, que não há argumento externo projetado na sentença. Parece, portanto, que a sentença é inerentemente não-agentiva<sup>2</sup>.

Uma outra característica do PB que pode ser correlacionada ao uso de (1a) em detrimento de passivas analíticas (1b) é a queda na ocorrência de passivas sintéticas (5a) (Cf. NUNES, 1990), sendo que o *se*, quando ocorre atualmente, não traz a noção de passividade, mas de indeterminação, como em (5b) (Cf. MOINO, 1989; NUNES, 1990):

- (5) a. Xerocaram-se revistas.
- b. Xerocou-se revistas.

O objetivo deste trabalho é analisar diacronicamente a hipótese de que estas estruturas estejam relacionadas. Em outras palavras, apresentamos um levantamento diacrônico de construções como: passivas com o verbo *ser*, passivas com o *se*, a indeterminação do sujeito com o *se*. A hipótese subjacente é que essas estruturas podem ter sido reanalisadas de modo a tornar possíveis as atuais construções com alçamento de objeto com certos verbos.

O *corpus* utilizado neste trabalho provém de textos do século XVIII, XIX e XX, a partir de corpora do Projeto Para a História do Português Brasileiro e também do Projeto Temático: Projeto de História do Português Paulista, subprojeto Mudança Gramatical no Português de São Paulo: anúncios de jornal, cartas de leitores, cartas pessoais, cartas oficiais, e dados de jornais da imprensa negra paulista. O *corpus* do século XVIII provém de dados escritos por portugueses radicados no Brasil, mas será importante como contraponto para as hipóteses levantadas neste trabalho.

## 2. As construções com promoção do argumento em PB

Como vimos acima, as sentenças em questão neste trabalho têm sido analisadas (Cf. GALVES, 1987; 2001)) como sendo estruturas relacionadas àquelas encontradas em línguas de tópico (Cf. LI; THOMPSON, 1976), em que também se observa ausência de passivas.

Contudo, como observado em Cyrino (2005), sentenças como (1a) são possíveis em PB, mas não podemos dizer, visto a possibilidade de (1b) que a língua não tem passivas. Além disso, a alternância observada em (1) não é geral, como podemos ver em (6):

- (6) a. \*O livro está comprando.  
b. O livro está sendo comprado.

Cyrino (2005) observa que construções como em (1) ocorrem mais facilmente quando: a) o argumento na posição pré-verbal é [-animado]; b) o verbo pertence a uma classe aparentemente restrita; c) a sentença é atética.

O primeiro fator, animacidade do argumento em posição pré-verbal (i.e., o argumento interno do verbo promovido para a ‘posição superficial de sujeito’), pode ser observada a partir do seguinte exemplo, extraído do jornal *O Estado de S. Paulo*:

- (7) Joss Stone tocou adoidado nas rádios de todo o mundo e do Brasil.

O argumento na posição pré-verbal refere-se ao CD da Joss Stone, e não à cantora Joss Stone, isto é, a sentença pode ser parafraseada como *O CD da Joss Stone foi tocado nas rádios de todo o mundo*. A interpretação pretendida pela sentença, portanto, não é com esse argumento quando [+animado], ou seja, a interpretação com *Joss Stone* se referindo à cantora. Se *Joss Stone* for interpretado como [+animado], esse argumento recebe o papel temático de agente, e a sentença perde a interpretação não-agentiva, pretendida pelo jornal, e comum nessas estruturas.

O mesmo pode ser observado nas sentenças a seguir, em que (8d), com a promoção do argumento interno [+animado], é agramatical:

- (8) a. O João está carregando o caminhão. (e.g., com livros)  
 b. O caminhão está carregando. (= sendo carregado)  
 c. A Maria está carregando o João. (e.g., com livros)  
 d. \*O João está carregando.

A segunda observação em Cyrino (2005) diz respeito à restrição dessas construções a certos verbos. O argumento interno do verbo tem que ser afetado, e, em relação a esse aspecto, essas construções são semelhantes às construções médias de outras línguas, inclusive porque as construções médias também ocorrem com uma ordem estrita SVO (Cf. FRIGENI, 2004; e abaixo). Da mesma forma, há uma semelhança com as construções médias em relação à atelicidade (cf. abaixo) – como Lekakou (no prelo), entre outros (ver abaixo) mostra, o fator crucial para a formação média é a morfologia imperfectiva.

No entanto, essas construções não podem ser consideradas como construções médias como (9), pois não há a necessidade de a ação ser predicada por um advérbio especial, e elas não são sentenças genéricas como as médias (CONDORAVDI, 1989; FAGAN, 1992; ZWART, 1997; DOBROVIE-SORIN, 2006; entre outros)<sup>3</sup>.

- (9) Vestidos vendem bem no verão.

Whitaker-Franchi (1989) analisa várias “construções ergativas” no PB e descreve uma classe de verbos, os “quasi-instrumentais”, que tomam um objeto direto que pressupõe a manipulação de um instrumento, mesmo que implicitamente<sup>4</sup>. Cyrino (2005) assume, inicialmente, que a agramaticalidade das sentenças em (10) se deve ao fato de os verbos não participarem da classe “quasi-instrumentais”:

- (10) a. Comprar (\*O livro está comprando)  
 b. Preparar (\*A festa está preparando)

Além disso, Cyrino (2005) também observa que as construções ocorrem mais facilmente quando atéticas:

- (10) a. Joss Stone tocou adoidado nas rádios do Brasil. (= o CD da Joss Stone)<sup>5</sup>  
 b. \*Joss Stone tocou adoidado às 14 horas nas rádios do Brasil. (= o CD da Joss Stone)

Se essas observações são verdadeiras, e se essas construções não ocorrem em outras línguas românicas (ou indo-européias<sup>6</sup>), é interessante estudar como surgiram no PB. Este trabalho persegue a hipótese de que o surgimento dessas estruturas tenha sido possível a partir da perda do *se* usado em sentenças com argumento interno promovido à posição pré-verbal. Abaixo, exponho essa hipótese e apresentamos dados que indicam essa possível origem.

## 2. SE indefinido (passivo) e SE impessoal (indeterminador) na história do PB

Muitos trabalhos abordam a mudança diacrônica ocorrida no português, acerca da perda da passiva sintética (Cf. NARO, 1976; NUNES, 1989; CAVALCANTE, 2006; entre outros).

Naro (1976), por exemplo, mostra que a partir do século XVI surgem as sentenças com o *se* impessoal (também chamado *indeterminador*), ao lado das sentenças já existentes com o *se* passivo. Nunes (1989) confirma o aparecimento dessas estruturas (em que não há concordância entre o verbo e o seu argumento interno) a partir do século XVI e a estrutura fica mais recorrente a partir do século XIX. De fato, o *se* passivo praticamente desaparece do PB, fato também confirmado nos dados analisados neste trabalho (Cf. abaixo).

Atualmente, fato comprovado por pesquisas como Cavalcante (1999, 2006) o PB apresenta somente o uso do *se* impessoal, tanto nas sentenças finitas (construção já existente na língua desde o século XVI; Cf. acima), como nas sentenças infinitivas (inovação no PB, Cf. CAVALCANTE, 2006). O *se* passivo (que detona a concordância do verbo com o DP argumento interno) desapareceu completamente.

Paralelamente a esses fatos, muitos trabalhos também mostram a mudança diacrônica ocorrida no PB acerca da perda dos pronomes átonos (OMENA, 1978; PEREIRA, 1981; DUARTE, 1986; TARALLO, 1983; CYRINO, 1993, 1997; entre outros). Além disso, também é fato comprovado a perda do clítico *se* quando ele tem outras funções, como o clítico reflexivo e recíproco (D'ALBUQUERQUE, 1984; ROCHA, 1999; MELO, 2005), além dos clíticos inerentes, ergativos, ex-ergativos, enfático, quase-inerente (NUNES, 1995; FERNANDES, 2000).

Neste trabalho, focalizamos a ausência vs. presença do clítico *se* invariável, que é inerentemente de 3ª. pessoa, já que o DP argumento interno é também de 3ª. pessoa (Cf. FRIGENI, 2004).

Um fato interessante do PB em relação à mudança no uso do *se*, além do desaparecimento da passiva sintética, é a possibilidade de como (11), sem o *se* impessoal (indeterminador):

(11) Não \_\_\_\_ usa mais saia.

Essas estruturas ocorrem desde o século XIX no PB, como mostra o exemplo de Duarte (2002):

(12) Leques Concertão-se com perfeição e \_\_\_\_ vende a preços baratíssimos. (Jornal do Commercio, 04 de outubro de 1881, RJ).

Ao mesmo tempo, conforme mostram vários trabalhos (GALVES, 1987; NUNES, 1989; CAVALCANTE, 2006), o *se* aparece em estruturas onde ele não era esperado, como nas infinitivas:

(13) É impossível se achar lugar aqui. (GALVES, 1987)

Cavalcante (2006: 183) assume que em PB temos o *se* impessoal, na posição de sujeito ([Spec, IP]), e relaciona essa possibilidade ao fato de o PB ter AGR com traço pessoa defectivo, não sendo capaz de licenciar o sujeito, mas identificá-lo. Assim, a diferença entre o PE e o PB atual é que o PE tem, além do *se* impessoal, o *se* indefinido. A autora assume Raposo; Uriagereka (1996) e Martins (2003), que argumentam,

convincentemente, que o PE não apresenta o *se* passivo, e sim o *se* indefinido, mesmo em sentenças onde há concordância entre o DP argumento interno e o verbo, tratando-se, portanto, de estruturas ativas. Para os autores, este DP, quando anteposto, não ocupa a posição de sujeito, mas sim a posição de tópico, a periferia esquerda da sentença.

Da mesma forma, assumo neste trabalho que o PB, perdeu o *se* passivo.

Galves; Britto; Paixão de Sousa (2005) defendem a hipótese de que o *se* passivo do português dos séculos XVI e XVII comporta-se já como *se* indefinido, pois, em casos em que o DP argumento interno é anteposto ao verbo, a ênclise é derivada. Em outras palavras, se o DP argumento interno ocupa a posição de tópico nessas sentenças, a ênclise é a consequência do movimento do verbo para a posição de primeiro constituinte da fronteira sintática da oração. Portanto, para as autoras, a partir do século XVII, o *se* passivo pode ser analisado como *se* indefinido, a partir do fato de que não é mais possível a expressão do argumento agente do verbo como um PP agente da passiva (Cf. MARTINS, 2003).

Porém, conforme Cavalcante (2006) mostra, o *se* (passivo) podia co-ocorrer com um PP agente da passiva até o século XVI (Cf. NARO, 1976), e até o século XVII no *corpus* Tycho Brahe.

Além disso, no *corpus* analisado neste trabalho, constatamos que o *se* passivo ainda ocorre (ver abaixo) nos dados do século XVIII (cartas escritas por portugueses radicados no Brasil), devido à presença do agente da passiva nas sentenças com passiva sintética<sup>7</sup>. A possibilidade da ocorrência desse PP depois desaparece e dá margem à análise das sentenças que tinham o *se* (e concordância) como sendo o *se* indefinido de Raposo; Uriagereka e Martins.

Podemos considerar, portanto, que no século XVIII o *se* das estruturas ditas passivas sintéticas poderia ainda ser *se* passivo, ao lado das ocorrências já provavelmente possíveis de *se* indefinido no PE (a partir das evidências das ocorrências com ênclise) e do *se* impessoal.

Ocorre que, na história do PE, conforme mostram Galves; Britto; Paixão de Sousa (2005), temos uma ocorrência maior de ênclise a partir do século XVIII, sendo que as estruturas em (14) corroboram a análise



em que o V é o primeiro constituinte dentro da fronteira sintática da oração, permitindo assim a ênclise do PE.

(14) Estas casas venderam-se ontem.

Porém, para o PB, temos um quadro um tanto diferente, considerando que não desenvolvemos a ênclise e a próclise sempre foi presente, apresentando índices maiores em relação à ênclise a partir do século XIX, inclusive em novos contextos, como próclise ao V principal em uma estrutura composta (CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1992).

Como veremos na seção abaixo, sentenças como (14) não são atestadas nos dados deste trabalho no século XIX. O DP aparece predominantemente em posição pós-verbal. Além disso, observando dados escritos por portugueses do século XVIII, encontramos próclise mesmo quando o DP aparece anteposto (ver abaixo).

Adicionalmente, temos que levar em conta o fator animacidade do DP argumento interno que ocorre nessas estruturas. Segundo Raposo; Uriagereka (1996), em uma estrutura com o *se* indefinido, – como (14) em PE –, se o DP argumento interno é [+animado], temos uma sentença ambígua (15a), com a interpretação do *se* sendo indefinido ou reflexivo/recíproco:

- (15) a. As meninas tinham-se consultado após a aula.  
b. As meninas tinham se consultado após a aula.

No PB atual, a posição do *se* é proclítica ao V principal (15b), e a única interpretação para essa sentença é com *se* reflexivo/recíproco.

Tendo essas considerações em mente, passemos à análise dos dados.

### 3. Apresentação e análise dos dados

Este trabalho apresenta o início de uma pesquisa diacrônica em andamento, acerca das estruturas de promoção de argumento em PB. A análise apresentada abaixo, portanto, é uma tentativa inicial de interpretação dos fatos. É possível que não esteja completa e que outros

fatos devam ser considerados, dada, inclusive, a pouca quantidade de dados analisados. Servirá, no entanto, como um exercício inicial de reflexão sobre o assunto.

Para uma primeira visão dos fatos acerca do PB, optamos por observar dados que pudessem ser caracterizados como sendo do português brasileiro a partir do século XIX. Sabemos das dificuldades de se caracterizar diacronicamente o PB, e também da dificuldade de se encontrarem as estruturas em questão, uma vez que elas ocorrem, mesmo atualmente, com predominância na língua oral, menos formal. Assim, este trabalho é uma tentativa de buscar dados que retratem a língua dos falantes brasileiros dos séculos XIX-XX. Observei também, como contraponto, dados do século XVIII, constituído por cartas escritas por portugueses no Brasil.

O *corpus* deste trabalho é constituído dos seguintes textos:

– Século XVIII: cartas oficiais e não-oficiais do Rio de Janeiro, editadas por Márcia Rumeu (UFRJ) e por Afrânio Barbosa (UFRJ) em CD-ROM.

Trata-se de uma coleção de 31 cartas de circulação pública e de circulação privada, escritas por autores portugueses – observamos cartas escritas por portugueses, como contraponto ao assunto deste trabalho, para obter uma idéia sobre o português europeu do século XVIII supostamente usado no Brasil, e tentar levantar hipóteses sobre a mudança.

– Século XIX: cartas brasileiras dos senhores ilustres do interior da Bahia – editadas por Zenaide de Oliveira Carneiro em sua tese de doutorado de 2005.

Trata-se de cerca de 114 cartas escritas por brasileiros e, para este trabalho, consideramos somente as cartas dos pouco letrados escritas no interior da Bahia (cartas familiares ou cartas particulares, mas com traçado inseguro (de vaqueiros e outras pessoas cujo grau de escolarização corresponde a *primeiras letras*).

– Século XX: textos de jornais da imprensa negra paulista

Trata-se de variados textos de jornais de caráter popular e comunitário, escritos no início do século XX (1918 a 1928) por negros, no Estado de São Paulo, parte do *corpus* em construção do subprojeto Mudança Gramatical do Português de São Paulo, parte do Projeto Temático PHPP - Projeto Caipira: Projeto de História do Português Paulista, recém aprovado pela FAPESP, Processo 06/55944-0. Os jornais analisados foram: *Kosmos*, *O Alfinete*, *Baluarte*, *Bandeirante*, *O Getulino*, *Liberdade*, *Menelick*, *Patrocínio*, *A Rua*, *A Sentinela*.

Foram observadas as ocorrências com presença e ausência do *se* invariável, nas estruturas em que esse pronome poderia ser considerado *se* apassivador ou indeterminador, e também as estruturas com passivas verbais analíticas, destacando-se a posição do DP argumento interno em todos os casos, *se* pré ou pós-verbal.

### 3.1 Resultados

#### 3.1.1 Século XVIII

Os dados do século XVIII provêm de cartas escritas por portugueses radicados no Rio de Janeiro. Nesses dados, observamos o *se* ocorrendo com concordância. Poderíamos considerá-lo *se* indefinido, mas, devido ao fato de que encontramos um caso de agente da passiva nessas construções, como veremos abaixo, o estatuto desse *se* seria discutível. Vejamos os exemplos:

- (16) a. do Porto **se esperão** mais duas embarcações
- b. *equ*e estão por esta parte os caminhos mais fra[n]cos *que* pelo Guatemy pois este **sepode conservar** com gente desuaCapitania
- c. entrou por esta Barra hum Navio vindo de Lisboa, com 50=etantos dias deviação, tra=zendo as noticias que menos **se esperavão** nesta ocasião

- d. o *Excelentíssimo Senhor* Marquez dePombal *se* tenha mostrado nestaocasião com tal sentimento como *que* fosse sua propria May, eman-dado fazer aquelas Exequias *que se* **sepoderião esperar** detão *grande Senhor*
- e. *que* sem isto lhe he  *muito* dificultozo a *Vossa Excelência* poder em breve tempo completar os Seus projectos, pois faltando lhe estes Socorros so por mais anos he *que se* **sepoderão hir fazendo** as cousas

Por outro lado, podemos considerar que as construções sem concordância seriam estruturas de *se* impessoal, que ocorrem tanto com verbos transitivos como com inergativos:

- (17) a. *eathe oSenhor* Marques dizem fizera as mayores demonstracoens de Sentimento *que* nunca **se** **vio**.
- b. *Vossa mercê* aomesmo tempo todaz as observaçoenz, *que* lheforem forem possiveiz para *Se* haver deformar humMappa domesmoContinente mais Certo, eCom menos defeito, *que* osque athegora **setemfeito**.
- c. *etambem porque* namoeda [*se*]**trabalha** de noute ededia para poder levar todo *odinheiro*
- d. Eu *oSinto* muito, por *que* *dezeja*-va servir a*Vossa Excelência* completamente, *porem sinceramente* asnão concidero demaziadamente necessarias, porque só servem para justamente **se com=putar** osRendimentos, *que* a Coroa tirou naquela Capitania á Ca=za de*Vossa Excelência* para lhe dar hum equivalente del[*e*]s

É importante notar que encontramos, nos dados do século XVIII, vários exemplos de posição do DP argumento interno anteposto ao verbo, porém, todos eles com próclise (ver discussão a seguir):

- (18) a. Como este *Senhor* mefas *grande* favor modice amim so, *eque* sedezia *que* *osenhor Dom* Vicente **seespera** em Lisboa breve

- b. *eque* estão por esta parte os caminhos mais fra[n]cos *que* pelo Guatemy pois este **sepode conservar** com gente desuaCapitania
- c. *porque* tudosecostuma **vender** a pagamentos *muíto* demorados,
- d. *porque* asultimaz Lavagens, asimdeouro comode Diamantez **secostumaõ fazernosfinz** de Dezembro
- e. Esta terra esta munto falta de Mantimentoz eMolhadoz; Vinhoz eAguardente fica valendo aPipa a126\$000 e Omaez **seuende** apurpução daSua falta,
- f. Rogo avossa *mercê* que me continue assuas Remessaz, para melhor eu me poder estabelecer , oque dezejarei seja neste *primeiro* Comboy que aqui esperamos vindo dessa Corte poiz as fazendas que vierão neste Comboiy **sevenderão** *muíto* bem vendidas,

E, mais importante, e que coloca em questão o estatuto do *se* entre ser um *se* passivo e *se* indefinido, como veremos abaixo, é a ocorrência de *se* juntamente com PP “agente da passiva”, sendo essa uma evidência de que se trataria de *se* passivo e não de *se* indefinido. A ocorrência está em uma carta do Marquês de Lavradio, de 1770:

(19) Ordena que viberes **sevendão**, pela meza daInspeção, eseremeta odinheiro paraosCoffres dofisco daCidade deLixboa

Portanto, poderíamos estender a ocorrência do *se* passivo no português europeu até o século XVIII, ao contrário do que temos visto na literatura.

### 3.1.2 Século XIX

Já no século XIX, dados de autores brasileiros, podemos considerar que há somente casos de *se* impessoal, uma vez que nas construções em que o argumento interno é plural, o verbo muitas vezes está no singular. O DP argumento interno é sempre posposto ao verbo, exceto quando quantificado (20o) ou quando a construção está em uma relativa. Como dito acima, os dados do século XIX em (20) são referentes a cartas pessoais de brasileiros (CARNEIRO, 2005):

- (20) a. Hontem tornei a elle, dece|me *que* na Missão **não tinha-se publica|do** ainda as mêsas, e *que* o Benig[n]o em ul-|timo caso; dicelhe, *que* não ficaria mal!
- b. vejo *que ali vai| se produzindo alguma cousa*, e o Frade| não sabe *para* onde penda!!
- d. e nêssas con-|dições éra impossivel **mandar-se prepa-|rar** os parafusos por ser uma grossu-|ra extraordinaria, além disto,
- e. por que, tendo lá as porcas dos que| estão servindo, não convém perdel-as,| e nem tambem **se podia preparar** ou-|tras iguaes, sem<sup>45</sup> saber-se a grossura-| exata;
- f. e| que o Sr. do Bonfim queira dar-lhe[...]10| *muitos* anos de vida com todas| as felicidades *que se pode am-|bicionar* na vida.
- g. D'ahi| para esta dacta **comprou-se| 2 fortes, fezse** uma istrada cal =|
- h. **calsou-se** uma rúa, **milhorou-se|** um banheiro publico, **collocou|-se** illuminação e seos emprega-|dos, e outras muitas dispezas inclusi-|ve o custeio dos empregados eguar-|das municipaes
- i. Já **seperdeo|** toda plantação feita e princi-|pia novamente morrer os| animaes.
- j. elle merece e talvez sem [que]| estiveçe presente *quando sefes* as no|meação meo *compadre* o não deixa|va fora *por que the* hoje ainda| não deo prova de traidor|
- k. asim| *mesmo caloçe* os tais pagamento *que só|* to faltando morer
- l. eu se podese vello lhe escla-|recia a verdade porem *por carta|* reçeio *por que* escrevo e não sei *por quem|* mando, e *porem* em liviariao [?] não **se man|da** sertas cartas,
- m. Fiscal e de-|pois de meses appareço aqui o Diario da| Bahia de 10 publicando uma Eleição que| **sevirificoçe** ser a do João Ramos|
- n. por| isso convem prehencher| esses lugares = em quanto =|brás é Thezoureiro; já es|crevi a Aristides a esse| respeito; e com a resposta| delle irão os nomes dos *Amigos|* nossos **para prehenchêr-se|** esses lugares.

- o. estiver conforme nada **se**| **perde** devido a uma unanimi|dade dos candidatos. Se mo-|ver o Silviano nova| campanha Eleitoral.|
- q. O Major Fe-|brônio tem escripto alguns arti-|gos contra o Vianna, que são di-|gnos de **ler-se**, e o correio nada| tem respondido.
- r. É preciso **afastar-se**| o Vianna e seus asseclas, com| todas as forças de que disposermos,| a fim de ver se *por* esse meio ti-|ramos algum resultado satisfacto-|rio, por que do contrario, quando| passar esta quadra melindrosa,| elle mandará exterminar a to-|dos nós,

Há dois exemplos de estruturas com concordância (21):

- (21) a. me arrumar *quanto* antes, por| *que* de um momento para outro| **podem as cousas mudarem-se**,| e presentemente a epoca não lhe| póde ser mais favoravel do| que é.
- b. na saída do corpo de sua| caza, acompanharáo 124 cavalei|ros, no *caminho* **foráo se encontrado ou**|tros,

### 3.1.3 Século XX

Por outro lado, nos dados do início do século XX, da imprensa negra, ainda ocorrem construções com concordância, mas também com ausência de concordância e hipercorreção – Cf., por exemplo, (22a) –, o que reforça a hipótese sobre sugere que a questão da competição de gramáticas sugerida em Cavalcante (2006: 194). A autora aponta que:

Podemos, portanto, considerar que este tipo de variação observada em corpora de autores brasileiros está relacionada ao que Kroch (1989) chama de “competição de gramáticas”: a genuína gramática brasileira produz enunciados de se-impessoal, mas os falantes, na produção, se utilizam de seus “saberes lingüísticos” que são espelhados numa outra gramática. Desse modo, podemos concluir

que as construções com *se* que exibem concordância entre o verbo e seu argumento interno no plural, nos textos brasileiros, estão relacionadas a uma outra gramática, a gramática que os falantes cultos se espelham.

Nesse sentido, por tratar-se de textos da imprensa negra do início do século XX, outras possíveis interpretações desses dados, à luz do exposto acima, abrem-se para nossa pesquisa futura dentro do Projeto Temático PHPP (Projeto Caipira).

Da mesma forma como acontece nos dados do século XIX, o DP argumento interno é sempre posposto ao verbo:

- (22) a. Sendo de notar que só **se publicaram** aquella critica, que reputamos offensivas, por um lapso do respectivo redactor.
- b. No entanto, durante a semana, vemos esses mesmo homens freqüentar bailes em beneficio a pessoas que muito podem beneficiar, **arremata-se** uma flor por 5 ou 10\$000 ou mais, somente para dançar com esta ou aquella dama.
- c. ... batalha, ahi, diariamente **realisam-se** bailes de maxixe que na maioria dançam mulheres brancas, que não se deixam de compartilhar as nossas patrícias a nossa vergonha, e a nossa raça fica completamente demoralizada.
- d. As revelações no mundo são realidades primarias que **se apresentam** aos olhos dos maiores protagonistas existentes.
- e. Geralmente em todos os números dos jornaes, **encontra-se** uma cousa, pelo menos, que nos proporciona uma curiosidade ou uma cousa que nos interessa ou nos sympatiza com sua leitura.
- f. Quasi sempre cortamos as columnas onde **encontra-se** taes artigos e guardamos para de quando em vez, relel-os.
- g. Não obstante **haver-se perdido** alguns de nossos amigos dançarinos, os ensaios têm tido a freqüência costumeira, o que nos prova que bastante diminuta foi a perda que tivemos; oxa lá que menos fosse.



- h. O ‘Pendão Brasileiro’, no mesmo dia e anno, teve uma enchente inesperada, pois, existiam tantas damas e senhoritas, que difícil **se podia mudar** um passo...
- i. Tendo terminado, hontem a secção da Associação Protectora dos Inválidos, teve como conclusão, fornecer o seguinte: A Senhorita Theodora da V. Sá Barboza uma saia com dois palmos mais cumprido, para assim não dar o que falar, que desde a muito **tem-se observado**.
- j. Como é lindo **encontrar-se** dois corações que se amam; não é verdade?!
- k. Na ‘Gazeta’ desta capital, do dia 9 do corrente, **encontra-se** uma critica com referencia as criadas, declarando que as mesmas exigem ordenados de 60\$000 a 80\$000 e mais, alem do bond, e que daqui alguns dias, querem também automóvel. Mas esqueceu X de dizer que, na maioria das vezes, **se trata** uma criada somente para cosinhar,...

### 3.2 Discussão

Vamos assumir, com Raposo; Uriagereka (1996) e também Martins (2003), que as estruturas passivas sintéticas do PE (com *se*) se tratam, na verdade, de estruturas ativas, mesmo havendo concordância entre o verbo e o seu argumento interno. Assim, quando o *se* impessoal foi introduzido na história do português (NARO, 1976; NUNES, 1989) a construção com *se* passivo deixou de ser *passiva* e o *se* passa a ser analisado como *indefinido*.

A questão é controversa, pois alguns autores consideram que o *se* passivo ainda continuou como fossilização (Cf. referências em MARTINS, 2003), e outros, não. Dadas as evidências fornecidas por Cavalcante (2006) e também encontradas neste trabalho (Cf. a seguir), vamos considerar que até o século XVIII o português (europeu, ao menos) ainda possuiria a possibilidade do *se* passivo.

Quais seriam as características do *se* passivo? Vamos assumir, inicialmente nesta pesquisa, que este *se* ocorre em estruturas não-ativas e constitui-se, portanto, em morfologia não-ativa, que indica a supressão de um traço na estrutura do predicado. Dobrovie-Sorin (2006), por exemplo, assume que os diversos tipos de *se* (incoativos, inerentes, médios e passivos) são marcadores de inacusatividade (uma operação lexical que detona a suspensão do papel temático externo e o caso acusativo). Kallulli (2005), por outro lado, propõe que predicados de atividade, diferentemente dos causativos, projetam (lexicalmente) um traço [+act] além do traço [+intent] em *v* <sup>8</sup>.

Poderíamos pensar que o *se* passivo seria um tipo de morfologia não-ativa, que detonaria, por meio da supressão do traço [+intent], a subida do argumento interno afetado para a posição de spec vP (e subsequente, spec IP).

Da mesma forma, o *se* médio (23) poderia ser considerado uma tal morfologia, uma vez que também produz o mesmo efeito.

(23) a. Estes vestidos vendem-se bem (PE).

b. I voti si scrutianano facilmente (italiano).

Dobrovie-Sorin (2006) aponta que o *se* médio e o *se* passivo são semelhantes em relação à estrutura temática (o DP argumento interno é Tema, o agente é implícito). A diferença é aspectual: o *se* médio, assim como as estruturas médias, são interpretados genericamente, atribuindo uma propriedade ao DP argumento interno, enquanto que passivas se referem a eventos particulares ou habituais (ver também CAVALCANTE, 2006). Temos, assim, a “generalização de Ruwet (1972)” (apud DOBROVIE-SORIN, 2006): “um DP argumento interno anteposto ao verbo nas construções com *se* médio detonam a leitura genérica/média de construções com *se* passivo; a leitura eventiva-passiva é bloqueada.”

Mateus et al (2003) apontam as seguintes características para o *se* médio em PE: a) obrigatoriedade de presença de advérbios como *bem*, *facilmente* ou de PPs de valor adverbial como *com mais prazer*, *com grande facilidade*;

b) DP argumento interno em posição pré-verbal; c) interpretação estativa, mesmo sem a presença de verbos estativos, obtida com a ocorrência de tempos verbais imperfectivos como o presente e o imperfeito do indicativo; d) impossibilidade de ocorrência do argumento com papel temático externo expresso por um constituinte do tipo do sintagma *por*. Por outro lado, segundo as autoras, alguns verbos aceitam a construção média sem exigirem morfologia média, ou seja, sem exigirem o *se* (Cf. *estas calças vestem bem, esta tinta seca rapidamente, este pavio queima mal.*)

Para Raposo; Uriagereka (1996), o *se* médio e o *se* passivo são homófonos; para Dobrovie-Sorin (2006), portanto, não há evidência independente para se distinguir entre os *se*. Porém a mesma autora admite (Cf. comunicação pessoal em CAVALCANTE, 2006; e abaixo) que nas construções médias com *se*, o DP argumento interno está em posição de [spec IP], Cf. também Dobrovie-Sorin (2006: 50):

- (24) a. Vai ser difícil esta luz ver-se de longe  
b. Vai ser difícil este vestido lavar-se facilmente

A posição do DP argumento interno é [spec, IP], pois, comparando-se (25a) com (25b), podemos ver que em (25b) o *se* refere-se a um reflexivo/recíproco e não ao *se* definido. Se assim fosse, não haveria a posição em [spec, Top] disponível para o sintagma-wh movido. (25a) mostra, portanto, que o DP argumento interno em uma construção com *se* médio está em [spec,IP]:

- (25) a. [Em que momento do espetáculo] [a luz] se viu bem?  
b. [Em que momento da operação] [os especialistas] se consultaram?  
(= um ao outro; ? foram consultados)

Também no espanhol (DAUSSÀ, s/d) o *se* médio é idêntico ao *se* passivo, mas o DP argumento interno nas construções médias é rigidamente anteposto ao verbo (26a,b). Além disso, o *se* médio tem um aspecto habitual que não existe no *se* passivo ou impessoal (26c):

- (26) a. Las puertas se han cerrado de golpe.  
 b. Las gambas se comen com los dedos.  
 c. \*No se cierra/n nunca estas puertas.

Uma outra observação é que a construção com o *se* médio tem diátese não-ativa, cuja característica básica é, assim como outras estruturas não-ativas (*se* passivo, passiva analítica), não ter argumento externo – embora, diferentemente destas, aquela construção não retenha o papel temático agente (ou seja, ele está implícito), mas é inerentemente não-agentiva (Cf. ACKERMA; SCHOORLEMMER, 1995; FRIGENI, 2004)<sup>9</sup>.

Nos dados do século XVIII, de escritores portugueses, encontramos exemplos de *se* médio:

- (27) a. nos estamos Suspirando *por* notícias de *Lixboa para* sabermos da Guerra *por que* Senos ficarmos Como Suponho de dentro, os Ifeitoz andem deçer *muito* easfazendas parece me *que* terão o Cazião de **Sevenderem** bem;  
 b. Esta terra esta munto falta de Mantimentoz e Molhadoz; Vinhoz e Aguardente fica valendo a Pipa a 126\$000 e Omaez **seuende** apurpução da Sua falta,  
 c. o que dezejarei seja neste *primeiro* Comboy que aqui esperamos vindo dessa Corte poiz as fazendas que vierão neste Comboy **sevenderão** *muito* bem vendidas

Nesses exemplos, temos o DP argumento interno anteposto, mas é verdade que os exemplos são ambíguos entre um *se* passivo (ou indefinido, ver abaixo), podendo a posição desse DP ser a de tópico. Essa ambigüidade gera, portanto, possibilidades de reanálise diacrônica.

Já em construções com o *se* indefinido, o DP argumento interno é marcado com nominativo e, portanto, aciona a concordância sujeito-verbo, mas não se encontra na posição “canônica” de sujeito, [spec, IP]. O *se* (argumento externo) ocupa essa posição de sujeito, mas não aciona a concordância sujeito-verbo, pois não possui os traços-  $\phi$  relevantes, além de possuir Caso Nulo. O DP argumento interno, quando se move para a posição pré-verbal está, portanto, em uma posição de tópico<sup>10</sup>.

Como vimos na seção 2 deste trabalho, as estruturas de promoção de argumento não excluem a existência de passivas analíticas no PB. Assim, a mudança diacrônica que fez surgir as construções com o argumento interno promovido à posição de sujeito não pode ser relacionadas à existência/não-existência de passivas analíticas, mas pode, sim, ser relacionada à existência das construções com *se* passivo e/ou *se* médio. Mas qual seria a estrutura que as teria possibilitado: *se* passivo, *se* médio ou *se* indefinido?

Na realidade, podemos assumir que, ao contrário do que ocorre no PE, o *se* passivo não será substituído pelo *se* indefinido no PB<sup>11</sup>. No PB, teremos somente construções com *se* impessoal – a idéia da queda do *se* passivo e surgimento do *se* impessoal já foi demonstrada, por exemplo, pelo trabalho de Nunes (1989).

Assim, vamos supor que o português falado no Brasil (especialmente o português falado por portugueses) até o século XVIII permitia o *se* passivo, o *se* indefinido e o *se* impessoal, além do *se* médio. A partir da generalização de próclise e do enrijecimento da ordem (perda da inversão sujeito-verbo, Cf. BERLINCK, 1989), perde-se os dois primeiros e passamos a ter somente o *se* impessoal. Assumimos, como já amplamente estudado, que as construções que permitiriam *se* passivo foram reanalisadas como permitindo *se* impessoal.

Porém, ao lado dessa reanálise, vamos hipotetizar que houve também uma perda do *se* médio. As construções com *se* passivo que traziam o DP argumento interno em posição pré-verbal foram reanalisadas como estruturas médias quando esse DP é [-animado] (já que compartilhavam com aquelas as propriedades de inacusatividade explicitadas acima), e que poderiam ser realizadas sem *se* (já que o *se*, por assim dizer, se especializa para *se* impessoal: com caso nominativo, estrutura agentiva e ativa).

Ora, as construções com o *se* indefinido, que suportavam a ocorrência de DPs argumentos internos antepostos, como em (18) e também as construções com *se* passivo (19) – que aparentemente sobreviveram até o século XVIII na fala de portugueses (contrariamente ao que se supunha,

Cf. acima), desaparecem dos dados do PB, dando lugar às construções com *se* impessoal e uma ordem rígida: *se* V DP. Ou seja, em sentenças com *se*, o *se* estará sempre na posição de sujeito no PB, e será sempre nominativo<sup>12</sup>.

Ao contrário do que ocorre no século XVIII – Cf. (18) –, que são dados de escritores portugueses, em todos os casos dos dados dos séculos XIX e XX, que são dados de escritores brasileiros, excluindo as sentenças relativas e as construções de topicalização, como vimos, o DP argumento interno ocorre em posição posposta ao verbo, quando há presença de *se*<sup>13</sup>, conforme se vê nos exemplos em (20) e (22) acima.

Podemos ter o argumento interno anteposto (não em tópico, mas em [spec, IP]) somente quando a sentença não tem *se* impessoal. Além disso, esse argumento nessa posição em sentença sem o *se* impessoal somente é possível quando é um DP [-animado]<sup>14</sup>. Os exemplos em (28), do século XIX, mostram o DP argumento interno [-animado] anteposto (não topicalizado) e ausência de *se* – atestam, assim, a possibilidade de construções que dariam origem às construções de promoção de argumento:

- (28) a. A oito dias appareceu um agoaceiro fi|no; hoje tornou, *porém nada cria* tá[o]111 fina| é-  
 b. O nosso| “Republicano” continúa magni-|fico, más o Vianna não faz menor| caso, faz-se de surdo, e continúa em| sua faina de perversidade. O-| **recrutamento está assolando**, a titulo| de voluntarios.

A existência de construções como (29) no PB pode, portanto, ter sido possível a partir da generalizada queda do *se* médio (que apresenta o DP argumento interno rigidamente anteposto ao verbo) e do *se* passivo e/ou *se* indefinido (neste caso, em estruturas com o DP argumento interno anteposto – reanalisado como estando em [spec, IP] e não em posição de tópico devido à colocação proclítica).

- (29) DP argumento interno anteposto (posição de [spec, IP]), ausência de *se*:

- a. (O CD da ) Joss Stone tocou adoidado no Brasil no ano passado.
- b. Saia comprida não usa mais no Brasil.
- c. A revista está xerocando, porque vamos precisar do artigo.

Portanto, conforme observamos acima, a partir do século XIX, todo *se* pode ser considerado impessoal – Cf. (20) acima –, ou seja, o *se* nominativo sempre ocupa a posição de sujeito. Nesses casos, o DP argumento interno sempre ocorre posposto – Cf. (20) e (22) – e o *se* impessoal pode ocorrer (30), ou não (31); neste último caso, a ausência do *se* dá origem às sentenças de sujeito nulo arbitrário, estruturas características do PB (Cf. CAVALCANTE, 2006; GALVES, 1987, 2001).

(30) DP argumento interno posposto, presença de *se* impessoal (posição de [spec, IP]):

- a. No ano passado se tocou muito Joss Stone.
- b. Não se usa mais saia comprida no Brasil.
- c. Nesta escola está se xerocando esta revista, porque as crianças vão trabalhar com este artigo.

(31) DP argumento interno posposto, ausência de *se* (sujeito nulo arbitrário em posição de [spec, IP]):

- a. No ano passado tocou muito Joss Stone.
- b. Não usa mais saia comprida no Brasil.
- c. Tá xerocando esta revista, porque as crianças vão trabalhar com este artigo

Em PE, temos, como vimos, a ocorrência do *se* médio, com leitura genérica, em sentenças como (32) em PE:

(32) Este tipo de tecido lava-se facilmente. (PE; Cf. MATEUS et al, 2003: 536)

Não encontramos sentenças com *se* médio nos dados, a não ser as sentenças em (27) acima, do século XVIII, que são ambíguas e são escritas por portugueses. Atualmente, porém, sabemos que, no PB, a sentença correspondente a (32) é (33):

(33) Este tipo de tecido lava fácil.

Se houver a ocorrência de *se*, este é interpretado como impessoal:

(34) Este tipo de tecido *se* lava fácil.

Segundo Dobrovie-Sorin (2006), como vimos, a leitura média ocorre quando o DP argumento interno está na posição de sujeito, [Spec, IP], – a possibilidade da sentença média (33) sem o *se* em PB, mais uma vez, mostra que a posição do DP argumento interno é a de [Spec, IP]. Conseqüentemente, podemos assumir que é essa a posição do DP argumento interno nas sentenças em (29) por terem surgido através da reanálise das estruturas com *se* passivo – e, provavelmente, também o *se* médio – e não o *se* indefinido, que vai surgir somente para o PE.

Os dados e a análise sobre a ocorrência do *se* médio ainda merecem um estudo mais profundo. Até o momento, pouco se tem encontrado sobre o assunto e os dados diacrônicos também têm sido escassos. O próximo passo desta pesquisa, portanto, será a ampliação de dados para possibilitar uma análise mais refinada dessas estruturas.

## 5. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi fazer uma análise diacrônica inicial sobre as estruturas cuja reanálise teriam levado ao aparecimento de construções com promoção de argumento no PB. Em outras palavras, apresentamos um levantamento diacrônico de construções como: passivas com o verbo *ser*, passivas com o *se*, a indeterminação do sujeito com o *se*.

A partir das observações sobre essas estruturas feitas em Cyrino (2005), uma análise inicial foi realizada, levando-se em conta que as estruturas ocorrem com o DP argumento interno [-animado] anteposto ao verbo. Porém, ainda é necessário analisar a emergência dessas construções que ocorrem com uma certa classe de verbos, bem como verificar a relevância de traços aspectuais que parecem estar envolvidos na questão. Suspeita-se que um estudo mais aprofundado das estruturas com *se* médio e sua queda possa ajudar a elucidar essas questões.



## Notas

- 1 Em relação ao português europeu moderno, no entanto, as sentenças abaixo são possíveis (João Costa, Ana Castro, Gabriela Matos comunicação pessoal):

(i) As revistas estão a fotocopiar.

(ii) A relva está a regar.

Em português europeu moderno, é claro, o uso do gerúndio é substituído pelo *a+infinitivo*.

- 2 É interessante notar, no contexto deste trabalho (Cf. abaixo), que o SE médio de línguas como o italiano também é considerado inerentemente não-agentivo (FRIGENI, 2004), assim como as construções médias em geral (ACKERMA; SCHOORLEMMER, 1995).

- 3 No entanto, como veremos, uma hipótese a ser levantada neste trabalho é que elas tenham surgido no PB através da possibilidade de construções médias com *se*, a partir das semelhanças (atelicidade (i), e ordem estrita SVO (ii)) e perda do *se* médio e passivo no PB:

(i) a. Este tipo de tecido lava-se facilmente. (exemplo em MATEUS et al.: 536)

b. \*Este tipo de tecido lavou-se facilmente. (exemplo em MATEUS et al: 537)

(ii) a. Este vestido lava-se facilmente.

b. \*Lava-se este vestido facilmente. (\*interpretação média, ok interpretação impessoal)

Massam (1992:130, apud FRIGENI, 2004), inclusive, propõe para construções médias em geral, a ocorrência de um objeto vazio, um reflexivo nulo, co-indexado com um sujeito não-temático que foi licenciado por um núcleo funcional modal no domínio da flexão.

- 4 Alguns verbos como *bordar, confeitar, cortar, costurar, manipular, polir, recortar, varrer*, incluem em sua representação a relação AFFECT e a ‘alternância ergativa’ ocorre especialmente quando o objeto leva à pressuposição de que há uma ação humana envolvida (pela manipulação de algum instrumento).

- 5 É importante ressaltar que o fato de o tempo verbal ser Passado Simples, e, portanto, normalmente considerado perfectivo (i.e., télico), não necessariamente exclui a interpretação atélica da sentença, uma vez que, conforme mostra Bertinetto (2001: 1): “Actionality and Aspect are often enough unduly conflated

in the specialized literature, giving rise to what might be called the ‘Perfective Telic Confusion’ (PTC), that wrongly assumes that a verb in the perfective Aspect can only express **telic** eventualities, and viceversa.” [...]

Actionality and Aspect are largely independent of one another (even though they do systematically interact with each other) [and] [...] even in less complex verbal systems, (im)perfectivity and (a)telicity should normally be kept apart, lest fundamental misunderstandings arise.

Além disso, Smith (1997) mostra que “inceptive sentences may present an Activity indirectly, because we may infer the activity continues, unless there is information to the contrary”, confirmando o que Bertinetto aponta: “Actionality has to be dealt with in terms of the inner composition of events, while Aspect is ultimately to be accounted for in terms of the notions of closed vs. open interval, where perfective events correspond to closed intervals, and viceversa. The role of the aspectual operators must be that of enforcing the open/closed interval interpretation, which is potentially available for every event type, most probably with respect to an appropriate understanding of the different quantificational properties of the various aspectual readings.”

Assim, podemos ter em PB construções como:

(i) O fusca **começou a fabricar** no Brasil e não parou mais...

(ii) Aquela verba que **liberou** agora...

6 Embora pareça haver uma construção semelhante no hindi (Cf. BHATT, 2003):

- (i) a. Jaayzaad b̃at. Rahii hai.  
Property divide PROG-FEM be-PRES  
‘The property is dividing.’
- b. Ram-ne jaayzad b̃ãat. dii.  
Ram-ERG property divide GIVE-PERF  
‘Ram divided the property.’
- (ii) a. Madhu per. kaat rahii. hai  
Madhu.f tree.m cuttr Prog.F be.Prs.Sg  
‘Madhu is cutting a/the tree(s).’
- b. per. kat. Rahe h̃E  
Tree.m cutintr Prog.MPl be.Prs.Pl  
‘The trees are cutting.’

Segundo Bhatt, essas construções são intransitivas e diferem das passivas por não envolver nenhuma agentividade em sua semântica.

- 7 Além disso, Cavalcante (2006), que trabalha com sentenças infinitivas, aponta uma evidência adicional de que o *se* passivo, e não um *se* indefinido (nos termos de RAPOSO; URIAGEREKA, 1996), poderia ser possível em seus dados, pois encontra sentenças com o DP argumento interno aparecendo pré-verbalmente nas infinitivas.
- 8 As predicções de atividade são de dois tipos: agentivas e não-agentivas; as agentivas constituem-se de um par de traços ([+intent], [+act]) e as não-agentivas têm somente o traço [+act] e não têm o traço [+intent]. Assim, ela propõe uma nova visão para a natureza da morfologia inacusativa, apresentando a seguinte generalização: *Morfologia não-ativa suprime o primeiro traço em uma estrutura de predicado*.
- 9 Zwart (1997) também aponta as seguintes características e exemplos de construções médias:
  - (i) O argumento externo do verbo não é expresso.
  - (ii) O verbo tem morfologia ativa.
  - (iii) A acção ação denotada pelo verbo é predicada de um advérbio.
  - (iv) O verbo é da classe *atividade* e a sentença como um todo é não-eventiva.

Exemplos:

  - a. This book reads quickly.
  - b. This pen writes easily.
  - c. Bureacrats bribe easily.
  - d. This book reads easily (\*by anyone).
  - e. \* This book is read quickly.
- 10 Assim, as construções com *se* no PE não seriam construções passivas e não devem ser relacionadas às passivas analíticas – *Vendem-se casas* não é equivalente a *Casas são vendidas*, inclusive porque, em PE um DP nu nunca ocorre em posição de sujeito.
- 11 Cavalcante (2006: 186) estuda a ocorrência de *se* nas sentenças infinitivas e propõe o seguinte quadro para o PCI (Português Clássico – pré-séc. XVII), PE (séc. XVIII em diante) e PB:

| Sentenças Infinitivas |  |   |
|-----------------------|--|---|
| PCI                   | <i>se-passivo</i>                            | concordância entre V e DP arg. interno                              |
|                       | #[Suj Vinf]                                  | presença de PP agente da passiva DP                                 |
|                       | #[DP se Vinf]                                | DP anteposto ocupa posição de sujeito                               |
|                       | [DP] # [ seVinf]                             | DP pode ocupar posição topicalizada                                 |
| PE                    | <i>se-indefinido</i>                         | concordância entre V e DP arg. interno                              |
|                       | #[ se Vinf DP]                               | DP posposto ao verbo infinitivo                                     |
|                       | [DP] # [ se Vinf]                            | DP topicalizado, movido para oração mais alta                       |
|                       | <i>se-impessoal</i>                          | não concordância entre V e DP arg. interno                          |
| PB                    | #[se <sub>Nom</sub> Vinf DP <sub>Acc</sub> ] | SE ocupa posição de sujeito   |
|                       |  | DP arg. interno checa Acusativo                                     |
|                       | <i>se-impessoal</i>                          | não concordância entre V e DP arg. interno                          |
|                       | #[se <sub>Nom</sub> Vinf DP <sub>Acc</sub> ] | SE ocupa posição de sujeito   |
|                       |  | DP arg. interno checa Acusativo                                     |
|                       |  | <i>se</i> está em variação com pronomes <i>a gente</i> e <i>you</i> |

Segundo Cavalcante (2006), em PB, as construções com *se* indefinido se perdem também nas estruturas finitas, e somente permanecem as construções com *se* impessoal.

- 12 Quando o *se* não é sujeito, ele se refere ao sujeito, nos casos em que não é invariável (*se* reflexivo, recíproco, inerente, etc) – é nesses casos que já se constatou sua queda (Cf. NUNES, 1995; FERNANDES, 2000; ROCHA, 1999; ALBUQUERQUE, 1984; entre outros).
- 13 O *se* é, portanto, sempre analisado como sujeito, conforme proposto por Cavalcante (2006). A autora relaciona esse fato ao aumento do preenchimento da posição de sujeito em PB. Da mesma forma, podemos observar o enrijecimento da ordem SVO no PB, ao constatar que o argumento interno ocorre na maioria das vezes em posição posposta, mesmo nas sentenças passivas analíticas do século XIX coletadas para este trabalho:
- (i) a. **Foi dispronunciado o Dantas**, pelo Julio.  
b. Por intermedio do Major Jeronimo, **me| foi entregue seo favor**, que me deu prazer| **pela** certeza de **que** con toudos os seos passam sem| alteração.  
c. as 9 horas da noite, in continente, **forão| dispachado 4 portadores**, para Monte Santo, Tu-|canno, *Geremoabo*, e Itapicurú!;
- 14 E, nesse caso, esse DP interno ocorre na posição préverbal, provavelmente para preencher a posição de sujeito, ou por obedecer a restrição contra V1 (Cf. CAVALCANTE, 2006; COELHO et al, 2006).

## Referências

- ACKERMA, P.; M. SCHOORLEMMER. Middles and nonmovement. *Linguistic Inquiry*, n. 26, v. 2 , p. 173-197, 1995.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The “perfective-telic” confusion. In: CECCHETTO C.; CHIERCHIA G.; GUASTI, M. T. (Ed.). *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001. p. 177-210.
- BHATT, R. Topics in the syntax of the modern Indo-Aryan Languages, lecture notes. Disponível em: <http://uts.cc.utexas.edu/~bhatt>. Acesso em: dia 20/07/2005.
- CARNEIRO, Z. Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo lingüístico-filológico. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas. 2005.
- CAVALCANTE, S. A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Letras/ UFRJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1999.
- CAVALCANTE, S. R. O uso de se com infinitivo na história do português: do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2006.
- COELHO, I.; DUARTE, M.E.L.; CYRINO, S.; KATO, M. Three related phenomena in variation and change in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no NWAV 35, Columbus, OH, USA. 2006.
- CONDORAVDI, C. The middle: where syntax and morphology meet. *MIT Working Papers in Linguistics*, n. 11. p. 16-30. 1989.
- CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (Ed.) *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. São Paulo: Fapesp/Pontes, 1993. p. 163-175.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português brasileiro – um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: UEL, 1997.

CYRINO, S. Animacy split in Brazilian Portuguese? Trabalho apresentado no V Workshop on Formal Linguistics at USP. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

DAUSSÀ, E.J. (s/d) The syntactic operator *se* in Spanish. manuscrito, University of Massachussetts. Disponível em: <http://www.acsu.buffalo.edu/~ejuarros/generals2.paper.pdf>. Acesso em 04/01/2007.

D'ALBUQUERQUE, A .C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 78/79, p. 97-120. 1984.

DOBROBIE-SORIN, C. SE-SI type anaphors. manuscrito, Universidade de Paris VII. Disponível em: [http://www.llf.cnrs.fr/Gens/Sorin/SE\\_SI\\_Carmen\\_Sorin.pdf](http://www.llf.cnrs.fr/Gens/Sorin/SE_SI_Carmen_Sorin.pdf). Acesso em: 10/01/2007.

DUARTE, M. E. L. *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*, dissertação de mestrado, PUC-SP, São Paulo. 1986.

DUARTE, M. E. L. Construções com *se* apassivador e indeterminador. In: ALKMIN T. (Ed.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. v. 3, p. 155–176.

FAGAN, S. M. B. *The syntax and semantics of middle constructions – a study with special reference to German*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FERNANDES, L.M.P. De volta ao famigerado *se*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2000.

FRIGENI, C. How do you miss your external argument? Non-active voice alternations in Italian. *Toronto Working Papers in Linguistics*, n. 23, v. 1, p. 47-94. 2004.

GALVES, C. A sintaxe do português brasileiro. Campinas, Editora da Unicamp, p. 31-50. 1987.

GALVES, C. M. Argument, predication, and pronouns in the history of Portuguese. Disponível em: [http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/cgalves\\_2001.pdf](http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/cgalves_2001.pdf). Acesso em: 10/01/2007.

GALVES, C.; BRITTO, H.; SOUSA, P. The change in clitic placement from classical Portuguese to modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 4, v. 1, p. 39-67. 2005.

Kallulli, D. Unaccusativity as a syntactic feature-suppression operation. Paper presented at the 15<sup>th</sup> Colloquium on Generative Grammar, University of Barcelona. 2005.

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language variation and change*, n. 1, v. 1, p. 199–244. 1989.

LAPOLLA, R. J. 'Subject' and referent tracking: arguments for a discourse-based grammar of Chinese. In: EMONDS, J.; MISTRY P. J., SAMIAN, V.; THORNBURG L. (Ed.). *Proceedings of the West Coast Conference on Linguistics*, Fresno, p. 160-173. 1988.

LEKAKOU, M. Greek passives on the middle interpretation. *Proceedings of the 6<sup>th</sup> Conference on Greek Linguistics (2003)*. Disponível em: <http://people.pwf.cam.ac.uk/mtb23/NSP/Lekakou.pdf>. Acesso em 14/01/2007.

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and topic, a new typology for language. In: LI, C. (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

MARTINS, A. M. Construções com *se*: mudança e variação no Português Europeu. In: CASTRO I.; DUARTE I. (Ed.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos para Maria Helena Mateus*. Lisboa: Colibri, 2003.

MATEUS, M.H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MELO, N. O clítico *Se* com valor reflexo ou recíproco: uma abordagem sociolingüística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2005.

MOINO, R. E. L. Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou... o que estamos fazendo no oral! In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1989.

- NARO, A. The genesis of reflexive impersonal in Portuguese. *Language*, n. 52 , v. 4, p. 779–810. 1976.
- NUNES, J. M. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de mestrado. Unicamp, Campinas. 1989.
- NUNES, J. M. Ainda o famigerado *se*. *D.E.L.T.A.* n. 11, v. 2, p. 201–240. 1995.
- OMENA, N. Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ, Rio de Janeiro. 1978.
- PAGOTTO, E. A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. 1992.
- PEREIRA, M. G. D. A variação na colocação dos pronomes átonos no Português do Brasil. Dissertação de mestrado, PUC-RJ, Rio de Janeiro. 1981.
- PONTES, E. Da importância do tópico em português. In: O tópico no português do Brasil. Campinas: Pontes. Anais do 5º Encontro de Lingüística, PUC-RJ[1981]. 1987.
- RAPOSO. E.; URIAGERKA J. Indefinite *se*. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 14, v. 4, p. 749-810. 1996.
- ROCHA, A. F. Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1999.
- SMITH, C. S. *The parameter of aspect*. Dordrecht, Kluwer Academic. 1987.
- TARALLO, F. Relativization strategies in Brazilian Portuguese. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, Philadelphia, PA. EUA. 1983.
- WHITAKER-FRANCHI, R. C. *As construções ergativas – um estudo semântico e sintático*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas. 1989.
- ZWART, J. On the generic character of middle constructions. Disponível em: <http://www.let.rug.nl/~zwart/docs/generic.pdf>. Acesso em: 04/06/2005.